

Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros



1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. De acordo com o Banco de Portugal, o **Indicador Coincidente Mensal da Atividade Económica** registou uma variação homóloga de 3.6% em dezembro de 2021, permanecendo inalterado relativamente ao mês anterior. No mesmo mês, o **Indicador Coincidente do Consumo Privado** passou de 6.1% para 5.5%.

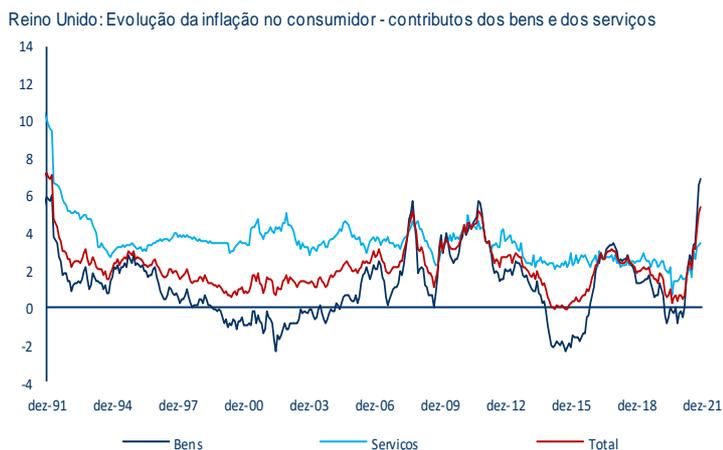
Área Euro. O indicador de **confiança dos gestores de carteira (ZEW)**, que mede as expetativas para a conjuntura económica europeia, subiu 22.6 pontos, fixando-se em 49.4 em janeiro, o valor mais elevado desde julho de 2021. No mês em análise, 57.3% dos gestores inquiridos prevêem uma melhoria da atividade económica, enquanto 7.9% antecipam uma deterioração. Não obstante, a componente das condições presentes caiu 6.2 pontos, para -3.9, enquanto as expetativas de inflação diminuíram 5.4 pontos, para -38.7. A **confiança dos consumidores** permaneceu praticamente inalterada em janeiro (-0.1, para -8.5), sinalizando uma resiliência elevada ao recente aumento das infeções na Europa.

União Europeia. As inscrições de **novos automóveis de passageiros** registaram uma variação homóloga de -22.8% em dezembro de 2021, com cerca de 795 mil novos registos (sexto mês consecutivo de queda). A maioria dos países apresentaram descidas, com os quatro maiores mercados a evidenciarem declínios superiores a 15%, nomeadamente: Itália (-27.5%), Alemanha (-26.9%), Espanha (-18.7%) e França (-15.1%). Considerando a totalidade do ano de 2021, as vendas de automóveis novos caíram 2.4%, para 9.7 milhões de unidades, apesar de 2020 já ter sido bastante fraco. Esta queda foi o resultado da escassez de semicondutores que afetou negativamente a produção/entrega ao longo do ano, mas especialmente durante o segundo semestre de 2021. Em comparação com 2019, antes da crise pandémica, o volume de novos registos permaneceu ainda inferior em 3.3 milhões de unidades.

EUA. O indicador de **confiança dos empresários industriais de Nova Iorque (Empire Manufacturing Index)**, divulgado pela Reserva Federal da mesma região, averbou uma diminuição muito acentuada ao passar de 31.9 em dezembro para -0.7 pontos em janeiro, indicando uma ligeira contração da atividade industrial, a primeira desde o final do segundo trimestre de 2020. Em sentido contrário, o indicador análogo referente à região de **Filadélfia (Philadelphia Fed Manufacturing Index)** aumentou para 23.2 pontos em janeiro, após ter atingido o valor mais baixo dos últimos doze meses em dezembro (15.4). Em ambos, as componentes dos *prazos de entrega* e de *encomendas não satisfeitas* continuam a refletir estrangimentos nas cadeias de produção, em particular, com a deterioração da situação pandémica.

Reino Unido. A **inflação** britânica voltou a registar uma subida, tendo passado de 5.1% para 5.4% em dezembro, o valor máximo desde março de 1992, devido ao crescimento dos preços energéticos, ao estrangimentos nas cadeias de produção e ao efeito base desfavorável do ano anterior. A inflação subjacente também aumentou, neste caso 0.2 p.p., para 4.2%.

O aumento foi impulsionado principalmente pelos preços dos bens (6.9%), sobretudo de mobiliário e vestuário. Embora estas componentes tenham sido influenciadas por tendências sazonais temporárias, a inflação dos bens tem apresentado uma forte persistência, com algumas componentes a registarem uma intensificação das pressões inflacionistas ascendentes. A inflação dos serviços (3.4%) também aumentou, sobretudo via preços na hospitalidade, atingindo o valor mais elevado desde setembro de 2013, embora muito inferior aos bens.



China. O PIB chinês registou um crescimento, em termos homólogos, de 4.0% no quarto trimestre de 2021, uma moderação face aos 4.9% no trimestre anterior, o ritmo de expansão mais baixo desde o segundo trimestre de 2020, com diversos focos de incerteza, incluindo uma quebra de atividade no mercado imobiliário, problemas na cadeia de fornecimentos e surtos de COVID-19, que prejudicam o consumo das famílias. Considerando o ano de 2021, a economia cresceu 8.1%, após uma variação de 2.2% em 2020.

Bancos Centrais. A divulgação da ata do Conselho de Governadores (CG) do **Banco Central Europeu** (BCE) de dezembro revelou um sentimento mais *hawkish* por parte dos responsáveis. Após terem acelerado o ritmo da redução dos estímulos (fim do PEPP já em março de 2022), as principais dissidências tiveram origem, sobretudo, junto dos que pretendem uma diminuição mais acentuada do grau de acomodação das condições financeiras. A referência nas decisões de política monetária em relação à necessidade de manter a "*flexibilidade e as opções em aberto*" foi motivada pela eventualidade das atuais pressões inflacionistas mostrarem uma maior persistência, e ser necessária um maior grau de restritividade da política monetária. O documento refere que um incremento das taxas de juro diretas é "*improvável*" em 2022. O **Banco Popular da China** (PBoC) diminuiu a taxa de juro associada à Facilidade de Empréstimo a Médio Prazo de 2.95% para 2.85%, com o objetivo de evitar o abrandamento da economia e melhorar a estabilidade no setor imobiliário em crise. Em simultâneo, a *Loan Prime Rate (LPR)* a um ano, a referência para os empréstimos das empresas aos bancos foi reduzida para 3.70% (-10 p.b.), bem como a *LPR* a cinco anos, a taxa de juro na qual se baseiam os empréstimos hipotecários, neste caso para 4.60% (-5 p.b.).

1.2 Mercados Financeiros (atualizado sexta-feira, 21 de janeiro às 18h00)

Nos mercados financeiros, a semana ficou marcada pelo aumento da volatilidade e incerteza em torno das perspetivas de curto prazo, o que conduziu à desvalorização da maioria das classes de ativos. O rumo da política monetária nos EUA, assim como em outras economias do bloco desenvolvido, continuou a condicionar o sentimento dos investidores no início de 2022, aliado a tensões geopolíticas crescentes na Europa de Leste. As leituras de inflação também continuam em aceleração, enquanto alguns indicadores económicos relativos ao sentimento mostraram algum desapontamento..

No **mercado monetário**, as taxas de juro Euribor voltaram a subir em todos os prazos de referência, continuando a refletir a redução da compra de títulos de dívida por parte do BCE e a possível antecipação de um primeiro aumento da taxa de depósito até ao final do ano. As variações ficaram

compreendidas entre +0.6 p.b. a 1 mês (-0.559%) e +2.1 p.b. a 12 meses (-0.462%). Na curva de futuros da Euribor a 3 meses, as variações foram mais expressivas, com o vencimento de dezembro/2026 em +0.49% (+4 p.b.). A passagem para valores positivos continua a ser esperada em setembro/23.

As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia**, a 10 anos, registaram um incremento em praticamente todos os países, com exceção da Alemanha onde a taxa diminuiu 1.9 p.b. para -0.07%. A tendência de subida no caso dos restantes países foi a tônica dominante no segmento de soberanos, apesar do BCE, através da Presidente Lagarde ter veiculado uma mensagem de tranquilidade em relação à retirada de estímulos, não se esperando uma atuação tao rápida quanto a do *Fed*. As maiores variações verificaram-se na Grécia, onde a *yield* voltou a atingir 1.7% (+16.6 p.b.), o valor mais elevado desde maio de 2020, seguido pelo Reino Unido (+2.1 p.b., para 1.17%) após os dados de inflação acima das expetativas poderem antecipar mais uma decisão de agravamento da política monetária por parte do Banco de Inglaterra. Em Portugal, o incremento foi marginal (+1.1 p.b., para 0.56%), tendo mesmo assim sido atingido o valor mais elevado desde maio/2021.

Nos **EUA**, a taxa a 10 anos (-3.3 p.b.) registou a primeira redução em cinco semanas (1.75%), enquanto a 30 anos sofreu uma redução de 5.0 p.b., para 2.1%, depois de a meio da semana terem atingido os valores mais elevados desde dezembro de 2019 e junho de 2021 (1.87% e 2.19%, respetivamente).

Os principais **mercados acionistas** reforçaram a tendência de correção pela terceira semana consecutiva. As notícias positivas relacionadas com a época de resultados em curso nos EUA estão a ser insuficientes para suportar as elevadas valorizações dos principais índices, uma vez que o foco dos investidores está concentrado na incerteza em torno da retirada dos estímulos monetários.

As quedas mais acentuadas ocorreram nos EUA, com o *Russel2000* e o *NASDAQ* a descerem 6.8% e 6.2%, seguido pelo *S&P500* e *Dow Jones* (4.7% e 3.8%). Na Europa o *Eurostoxx600* e restantes índices nacionais caíram de forma mais moderada, com uma variação média de -1.2%. Em termos setoriais europeus, destaque negativo para os cíclicos nomeadamente o *automóvel* (-4.2%), os *bancos* (-3.2%) ou o *tecnológico* (-2.7%).

Nos países emergentes, o *MSCI* manteve-se inalterado, ainda que se tenham verificados variações fortes, caso do *BIST* na Turquia (-3.4%), *Sensex* na Índia e *MOEX* na Rússia, ambos com -3.6%.

No **mercado cambial**, o *dólar* efetivo encerrou com uma apreciação em relação ao conjunto das moedas parceiras (0.5%), eliminando a queda da semana anterior, depois de ter atingido o mínimo de dois meses. As expetativas da reunião da *Fed* na próxima semana e o clima de maior *risk-off* nos mercados poderá estar na origem deste desempenho. Em sentido inverso, o euro efetivo depreciou 0.4%.

No que concerne às **matérias-primas**, a cotação do petróleo (*brent*) valorizou 2.0% na semana, fixando-se em \$88.0/bbl (+12.5% desde o início do ano) e alcançando o valor máximo desde 2014, influenciado pelas tensões geopolíticas e forte procura. Nos metais preciosos, verificou-se uma valorização generalizada (média de 5%), salientando-se a prata e a platina (6.1% e 6.5%), como ativos refúgio dada a maior instabilidade dos mercados financeiros e a subida da inflação.

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/20)





2. Temas da semana

2.1 Portugal - Estatísticas das empresas da central de balanços - 3º trimestre de 2021)

O Banco de Portugal divulgou na semana passada **os resultados Estatísticos das Empresas da Central de Balanço**, com os dados referentes ao terceiro trimestre de 2021.

Nesse período, **a rentabilidade do ativo** [rácio entre os resultados antes de amortizações, depreciações, juros e impostos das empresas (EBITDA) e o total de ativo] das empresas não se alterou relativamente ao trimestre anterior, permanecendo em 6.5%, acima do valor mais baixo observado desde o início pandemia de 5.6%, mais concretamente no primeiro trimestre de 2021. Em termos históricos, a média de longo prazo é de 6.8%. Em comparação com a crise anterior da dívida soberana europeia, o impacto do COVID-19 sobre a rentabilidade das empresas foi menor.



Quando se observa este indicador por setor de atividade económica das empresas privadas, é possível verificar que a rentabilidade do ativo aumentou nas empresas pertencentes aos setores da

eletricidade, da construção, dos transportes e armazenagem e dos outros serviços. Em contrapartida, diminuiu nas empresas dos setores das indústrias, do comércio e das sedes sociais.

Tendo em consideração os setores mais afetados pela pandemia, em particular, os serviços e os transportes e armazenagens, ambos permanecem ainda com uma diferença significativa face ao período pré-pandemia. Em sentido contrário, deste o início da pandemia a rentabilidade da indústria aumentou significativamente.

Por classe de dimensão das empresas privadas (excluindo sedes sociais), a rentabilidade aumentou nas Pequenas e Médias Empresas (PME), de 6.1% para 6.2%, enquanto na Grandes Empresas reduziu-se, de 9.3% para 9.0%. A rentabilidade das empresas públicas melhorou embora tenha permanecido negativa, com -3.4% (-5.0% no segundo trimestre de 2021).

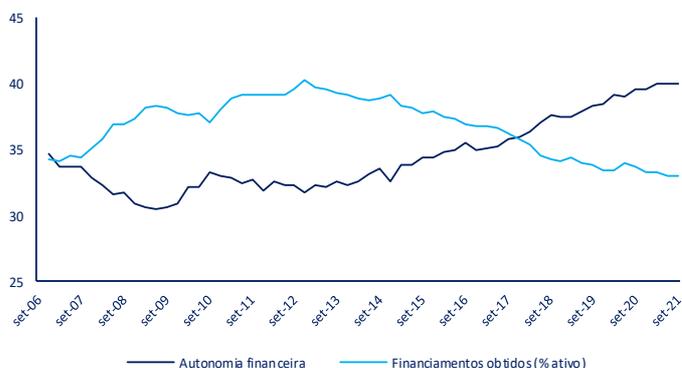
Portugal: Rentabilidade do ativo por setor de atividade económica - %



A **autonomia financeira** das empresas é medida pelo rácio entre capitais próprios e ativo da empresa. Um aumento da autonomia financeira sugere um fortalecimento da capitalização das empresas, reforçando os recursos disponíveis para financiar a sua atividade. Maiores níveis de autonomia sugerem maior solidez financeira e menor dependência de recursos alheios. No terceiro trimestre de 2021 este rácio permaneceu inalterado em 40.0%.

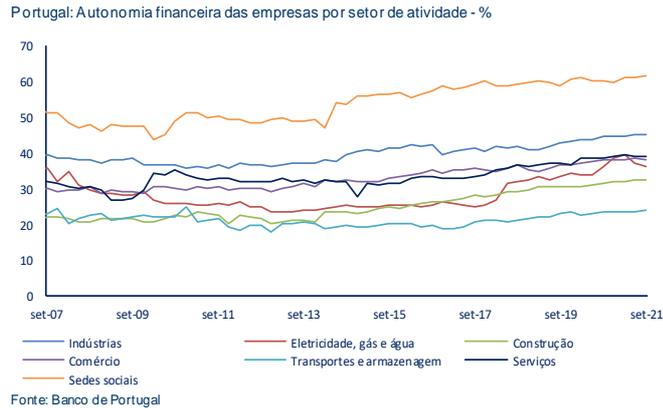
Ao longo do tempo observa-se uma clara tendência de reforço dos capitais próprios, com as empresas a reduzirem a dependência da sua atividade de financiamentos obtidos por capitais alheios, seja por empréstimos bancários, emissão de papel comercial, emissão de obrigações ou contas a pagar a fornecedores.

Portugal: Autonomia financeira das empresas privadas - %



Analisando a autonomia financeira numa ótica setorial das empresas privadas, o relatório revela que a mesma foi reforçada nas empresas pertencentes aos setores da indústria, da construção, dos transportes e armazenagem e das sedes sociais. Em sentido inverso, diminuiu nos setores da eletricidade e do comércio. Ao contrário da rentabilidade do ativo, a pandemia não provocou alterações expressivas na estrutura financeira das empresas.

Por classe de dimensão das empresas privadas (exclui sedes sociais), a autonomia financeira passou de 39.0% para 39.2% nas PME's, enquanto nas grandes empresas decresceu 0.5 p.p., fixando-se em 36.6%. A autonomia financeira das empresas públicas diminuiu marginalmente para 27.0% (27.1% no trimestre anterior).



2.2 EUA - Inflação no consumidor e os períodos de recessão

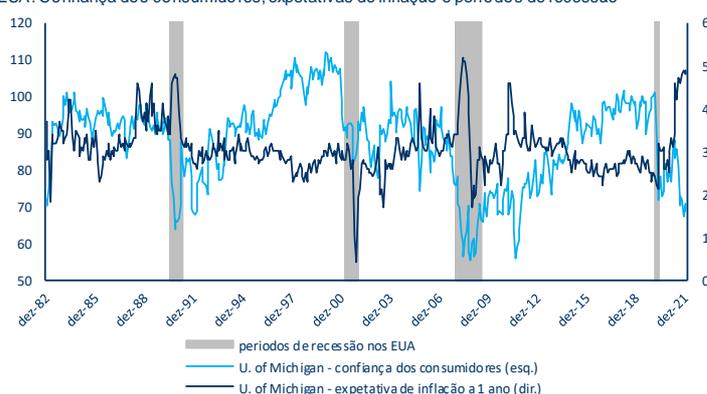
A aceleração da inflação no consumidor em 2021 nos EUA conduziu a respetiva variação homóloga a 7.0% no último mês do ano. Este registo é o mais elevado desde junho de 1982. Até dezembro de 2021, considerando os mais de cem anos de história do índice de preços no consumidor publicado pelo *Bureau of Labor Statistics (BLS)*, a inflação homóloga suplantou de forma duradoura os 7.0 p.p. em apenas cinco ocasiões: (i) durante a IGM, (ii) por um período durante a IIGM e (iii) imediatamente após este conflito (em ambos os casos a duração foi de um ano) e após o (iv) primeiro e o (v) segundo choques do petróleo.



O aumento da inflação tem sempre um impacto negativo no sentimento das famílias, sobretudo se for inesperado, forte e para níveis pouco comuns, como sucedeu em 2021.

Nas três recessões que precederam a recessão associada à pandemia, o grau de queda da confiança dos consumidores registada é próximo do verificada atualmente. Com o mercado de trabalho em franca retoma e a apreciação do mercado de ações a constituir uma mais valia para o rendimento das famílias, a referida deterioração da confiança das famílias dever-se-á em larga medida ao substancial incremento da inflação.

EUA: Confiança dos consumidores, expectativas de inflação e períodos de recessão



Fonte: U. of Michigan, NBER

Para além do impacto negativo e direto nos salários reais e nas poupanças, um outro canal através do qual a inflação afeta o sentimento diz respeito à perspectiva de agravamento das condições financeiras por parte da Reserva Federal, com impacto negativo nos mercados financeiros, precisamente onde milhares de famílias norte-americanas e empresas depositam muitas das suas poupanças.

Importa salientar que as seis recessões até à Crise Financeira de 2008-2009 foram sempre precedidas por meses de aperto da política monetária.

EUA: Nível da taxa de juro diretora e Períodos de recessão

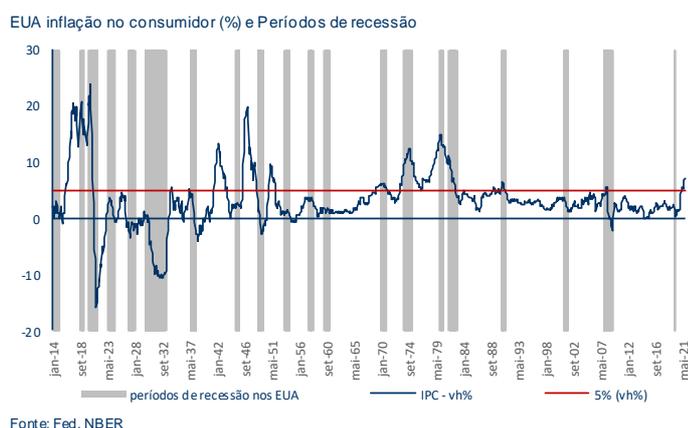


Fonte: Fed, NBER

Em termos históricos, uma variação homóloga da inflação de 5% é uma espécie de “*limite mágico*”. Desde que o BLS publica o relatório referente ao índice de preços no consumidor, constataram-se doze casos cíclicos em que a inflação global passou acima de 5%, incluindo o atual. Dos onze episódios anteriores, oito deles coincidiram com um início da recessão. As exceções foram

observadas em 1933 (em plena Grande Depressão), no início da década de 1940 (durante a Segunda Guerra Mundial) e início da década de 1950 (durante a Guerra da Coreia).

Em suma, a estreita relação histórica entre determinado nível de inflação e a ocorrência de recessões dos EUA deriva do impacto negativo que o crescimento dos preços tem sobre o rendimento, o sentimento e a política monetária. O ponto de partida é igualmente relevante, em particular se determinados ativos evidenciarem valorizações excessivas. Nesse caso, a atuação da *FED* não terá sequer que ser muito agressiva para ter um impacto considerável.



2.3 EUA - Inquérito a analistas acerca das expectativas para a política monetária da Fed

Em 15 de março de 2020, com o despoletar da crise pandémica, a Reserva Federal (Fed) dos EUA reduziu a taxa de juro diretora (Fed Funds) para o intervalo entre 0.00% e 0.25%, ao mesmo tempo que lançava um ambicioso programa de compra de ativos, bem como um vasto leque de facilidades para apoiar as empresas e consumidores. Quase dois anos depois, com o fim do programa de compra de ativos já em março, e valores de inflação em máximos das últimas quatro décadas (7.0% em dezembro), os membros do FOMC têm reforçado os indícios de que em breve irá ter início a um novo ciclo de aumento das taxas de juro.

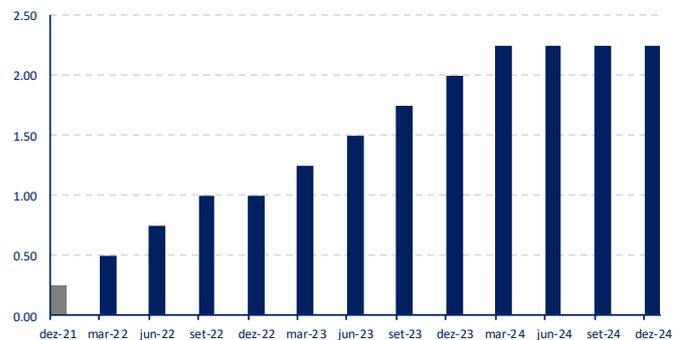
Nas últimas semanas escutaram-se várias intervenções por parte de diversos membros do Conselho de Governadores e responsáveis da Reserva Federal dos EUA, nas quais foi patente a possibilidade de um aumento da taxa de juro diretora já em março, com o intuito de controlar o forte crescimento dos preços no consumidor.

Diversos analistas de mercado indicam que a Reserva Federal deverá sinalizar já na próxima reunião (esta semana) um aumento de 25 p.b. da taxa de juro diretora em março próximo, fixando-a no intervalo entre 0.25% e 0.50%. A maioria dos analistas esperam que na reunião de janeiro, ou a Reserva Federal irá indicar um aumento na próxima reunião (43%) ou deixará o momento em aberto, sugerindo que deverá ser “apropriado em breve” (43%).

Em termos do número de aumentos, os economistas esperam em média cerca de três aumentos de 25 p.b., encerrando o ano de 2022 com o intervalo da Fed Funds entre 0.75% e 1.00%. Em 2023, deverão ocorrer quatro aumentos, também de 25 p.b., terminando o intervalo da taxa de juro entre 1.75% e 2.00%, superando o nível de taxas de juro que se observava antes da pandemia. Em 2024, é antecipado apenas um aumento, para 2.00%-2.25%.

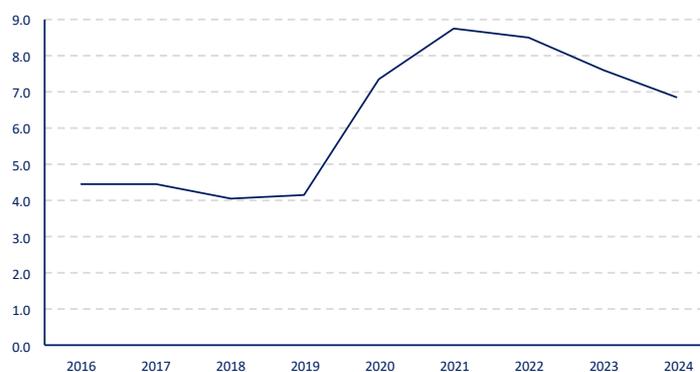
Esta trajetória para a taxa de juro encontra-se alinhada com o *Dot Plot* da Reserva Federal, que espelha as expectativas dos responsáveis máximos da Reserva Federal.

Expectativas dos analistas em relação ao limite superior da taxa de juro diretora - %



Com o programa de compras de ativos, a Reserva Federal acumulou no seu balanço, até à data, um montante histórico de \$8.86 trilhões em títulos; antes da pandemia de COVID-19 o balanço limitava-se a um valor ligeiramente superior a \$4 trilhões. Relativamente a este tema, os analistas também esperam que a redução do montante de títulos no balanço da Fed tenha início logo após o incremento das taxas de juro, ainda que existam divergências quanto ao momento, ao ritmo e à composição da operação de redução do balanço. Cerca de 29% dos analistas esperam uma redução já entre abril e junho, enquanto 40% esperam entre julho e setembro. Em termos médios, os economistas antecipam uma redução mensal entre \$40 e \$60 mil milhões por mês, o que implicaria que no final de 2023, o balanço ascendesse a \$7.6 biliões, valor muito superior ao do período pré-pandemia.

Expectativa de evolução do balanço por parte dos analistas - US\$ biliões



3. Anexo de Informação Financeira

(atualizado sexta-feira, 21 de janeiro às 18h30)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	14-jan-22	21-jan-22	2021	2022/Jan	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0.554	-0.583	-0.565	-0.559	↓ -0.029	↑ 0.024	↑ 0.006
3 Meses	-0.545	-0.572	-0.568	-0.552	↓ -0.027	↑ 0.020	↑ 0.016
6 Meses	-0.526	-0.546	-0.533	-0.522	↓ -0.020	↑ 0.024	↑ 0.011
12 Meses	-0.499	-0.501	-0.483	-0.462	↓ -0.002	↑ 0.039	↑ 0.021
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	0.144	0.101	0.103	0.109	↓ -0.043	↑ 0.008	↑ 0.006
LIB 3 meses	0.238	0.209	0.241	0.259	↓ -0.029	↑ 0.050	↑ 0.018
LIB 6 meses	0.258	0.339	0.395	0.446	↑ 0.081	↑ 0.108	↑ 0.051
LIB 12 meses	0.342	0.583	0.726	0.798	↑ 0.241	↑ 0.215	↑ 0.073

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-20	31-dez-21	14-jan-22	21-jan-22	2021	2022/Jan	Semana
Portugal	0.030	0.465	0.553	0.564	↑ 0.435	↑ 0.099	↑ 0.011
Espanha	0.047	0.565	0.638	0.638	↑ 0.518	↑ 0.073	↔ 0.000
Grécia	0.628	1.338	1.534	1.700	↑ 0.710	↑ 0.362	↑ 0.166
Itália	0.543	1.172	1.273	1.288	↑ 0.629	↑ 0.116	↑ 0.015
França	-0.338	0.198	0.333	0.334	↑ 0.536	↑ 0.136	↑ 0.001
Alemanha	-0.569	-0.177	-0.046	-0.065	↑ 0.392	↑ 0.112	↓ -0.019
Reino Unido	0.197	0.971	1.150	1.171	↑ 0.774	↑ 0.200	↑ 0.021
Suíça	-0.550	-0.135	0.027	0.022	↑ 0.415	↑ 0.157	↓ -0.005
EUA	0.913	1.510	1.784	1.751	↑ 0.597	↑ 0.241	↓ -0.033
Japão	0.021	0.071	0.143	0.137	↑ 0.050	↑ 0.066	↓ -0.006

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	14-jan-22	21-jan-22	2021	2022/Jan	Semana
Eurostoxx 600	399	488	481	474	↑ 22.2%	↓ -2.7%	↓ -1.4%
IBEX	8074	8714	8807	8695	↑ 7.9%	↓ -0.2%	↓ -1.3%
CAC	5551	7153	7143	7069	↑ 28.9%	↓ -1.2%	↓ -1.0%
DAX	13719	15885	15883	15604	↑ 15.8%	↓ -1.8%	↓ -1.8%
FTSE	6461	7385	7543	7494	↑ 14.3%	↑ 1.5%	↓ -0.6%
PSI20	4898	5569	5637	5583	↑ 13.7%	↑ 0.2%	↓ -1.0%
S&P 500	3756	4766	4663	4445	↑ 26.9%	↓ -6.7%	↓ -4.7%
Nasdaq	12888	15645	14894	13975	↑ 21.4%	↓ -10.7%	↓ -6.2%
Topix	1805	1992	1978	1927	↑ 10.4%	↓ -3.3%	↓ -2.6%
MSCI Emerg	1291	1232	1257	1256	↓ -4.6%	↑ 1.9%	↓ -0.1%
Shanghai	3473	3640	3521	3523	↑ 4.8%	↓ -3.2%	↑ 0.0%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-20	31-dez-21	14-jan-22	21-jan-22	2021	2022/Jan	Semana
EUR/USD	1.2216	1.1370	1.1411	1.1344	↓ -6.9%	↓ -0.2%	↓ -0.6%
EUR/JPY	126.18	130.90	130.35	128.93	↑ 3.7%	↓ -1.5%	↓ -1.1%
EUR/GBP	0.8937	0.8413	0.8346	0.8361	↓ -5.9%	↓ -0.6%	↑ 0.2%
EUR/AOA	795.17	632.42	610.80	606.04	↓ -20.5%	↓ -4.2%	↓ -0.8%
EUR/MZN	91.50	72.61	72.99	72.46	↓ -20.6%	↓ -0.2%	↓ -0.7%
Petróleo (Brent \$)	51.17	77.46	86.34	88.05	↑ 51.4%	↑ 13.7%	↑ 2.0%
Petróleo (Crude \$)	48.52	76.99	83.82	86.03	↑ 58.7%	↑ 11.7%	↑ 2.6%
Gás Natural (\$)	2.54	3.73	4.26	3.98	↑ 46.9%	↑ 6.7%	↓ -6.6%
Ouro (\$)	1898.36	1829.20	1817.94	1832.23	↓ -3.6%	↑ 0.2%	↑ 0.8%
Prata (\$)	26.40	23.31	22.96	24.26	↓ -11.7%	↑ 4.1%	↑ 5.7%
Cobre (\$)	3.52	4.46	4.42	4.52	↑ 26.8%	↑ 1.2%	↑ 2.2%
Café (\$)	128.25	226.10	239.65	238.25	↑ 76.3%	↑ 5.4%	↓ -0.6%
Milho (\$)	484.00	593.25	596.25	616.50	↑ 22.6%	↑ 3.9%	↑ 3.4%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rentabilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.